

**GLOBALIZAÇÃO: União Européia já reúne mais de 18 milhões de desempregados**

# Europa abre mão da solidariedade para adaptar seu sistema social à nova ordem

Países adotam políticas de rigor, reduzindo benefícios como seguro-desemprego

**Helena Celestino**

*Correspondente*

PARIS. A Europa foi uma das primeiras vítimas da globalização da economia. Com 18,3 milhões de desempregados e o aumento galopante da pobreza e da exclusão social, os europeus vivem atualmente uma profunda crise de identidade, pois estão vendo que o ideal de solidariedade social garantido pelo estado provedor, que opuseram ao *american way of life*, vem sendo esmagado pelo realismo econômico imposto pela nova ordem mundial.

— A globalização pôs em concorrência sistemas econômicos e sociais muito diferentes. Na Europa, as moedas ligadas ao marco estão sobrevalorizadas em quase 40% em relação ao dólar, e ainda mais se comparadas às moedas do Sudeste asiático — afirma Gérard Lafay, professor da Universidade de Paris II e autor do livro “Para compreender a globalização”.

O invejável sistema de proteção social europeu torna o mercado de trabalho pouco flexível, levando as empresas a deslocarem sua produção em busca de

maior competitividade. Com o aumento do desemprego, crescem os gastos do Estado e diminuem as contribuições, criando-se enormes déficits, que exigem taxas de juros altas e levam à recessão econômica.

O chanceler alemão Helmut Kohl anunciou, há duas semanas, um plano de rigor para diminuir os encargos fiscais das empresas e os gastos sociais do Estado. Alain Juppé, às voltas com o enorme déficit público francês, acabou de avisar que o próximo orçamento da União terá um corte de 60 bilhões de francos, o que

significará drásticas reduções nos programas de estímulo à contratação de desempregados e uma redução da ajuda às famílias com filhos. Até a Suécia, antigo paraíso da social-democracia, reduziu a 75% o pagamento dos salários em caso de doenças dos trabalhadores e diminuiu o valor do seguro-desemprego.

Evidentemente, os princípios do economicamente correto não são nada populares. Os alemães já desceram às ruas para protestar e, em dezembro, a França parou por conta de uma greve de transportes. ■